

CONSUMISMO, ALIMENTAÇÃO E RESPONSABILIDADE: O PAPEL DO CRISTÃO NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Dener Rodrigo da Silva Paixão¹

RESUMO

Este artigo sugere um olhar mais amplo para os problemas ambientais que o planeta têm enfrentado, especialmente no que se refere ao consumismo, alimentação e responsabilidade pessoal. Analisa os problemas ambientais nestes três aspectos colocando sobre os cristãos uma responsabilidade maior na preservação do meio ambiente, visto que fomos postos por Deus como mordomos de sua criação. Desse modo, o artigo revela que o estilo de vida cristão favorece na sustentabilidade dos recursos naturais em vista de uma sociedade que não se importa mais com estas questões.

Palavras-chave: Consumismo. Meio Ambiente. Religião.

¹ Graduado e Especialista em Teologia pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que defende valores puramente individuais. As pessoas não estão mais preocupadas com o dia de amanhã, nem tampouco com os recursos naturais que serão deixados para os nossos filhos, netos e futuras gerações. Estamos vivendo na era do presente onde a palavra do momento é *consumir*. Contudo, o ato do consumo em si não é o problema, visto que ele é necessário à sobrevivência de toda a espécie. Para respirarmos, consumimos o ar; para nos alimentarmos, precisamos consumir o alimento diário; para nos mantermos vivos, necessitamos consumir a água. Desta forma prossegue-se com toda a criatura que vive neste planeta.

O mundo gira em torno dos recursos naturais que consumimos diariamente para nossa sobrevivência. O problema então surge, quando a demanda de consumo de bens e serviços passa a explorar excessivamente os recursos naturais causando uma instabilidade no equilíbrio de que necessitamos para sobreviver. Precisamos lembrar que estes recursos são finitos, e o seu mau uso pode nos trazer sérios prejuízos a curto e longo prazo.

A célebre frase “viva o dia de hoje como se não houvesse amanhã” não pode e nem deve se aplicar ao contexto ambientalista no qual estamos nos referindo. A falta de conscientização por parte de muitas pessoas, incluindo a própria mídia, tem produzido um efeito muito negativo no que se refere a um estilo de vida saudável, que se preocupa com as questões ambientais do nosso planeta. Hoje, percebemos que muitas pessoas consomem mais do que o necessário por influência do próprio meio social. Este consumo excessivo se vale tanto para bens materiais, quanto para a alimentação. Neste caso, os cristãos exercem uma grande influência sobre esse assunto, uma vez que a responsabilidade sobre o cuidado com a natureza pertence a cada um de nós. Devemos lembrar também que é nosso papel testemunhar ao mundo com o nosso exemplo pessoal, conscientizando cada pessoa de que possuímos recursos naturais finitos e o nosso modo de vida faz toda a diferença para o bem ou para o mal.

O CONSUMISMO E O MEIO AMBIENTE

“Quem compra o que não precisa, venderá o que precisa”. Este ditado árabe reflete exatamente a condição da sociedade atual no que diz respeito ao consumismo. Alguns estudiosos denominam o fator do consumo exagerado como sendo uma “doença atual”. Quando o consumismo deixa de ser uma necessidade e passa a ser a força motriz que rege a economia, estamos atravessando para um campo muito perigoso.

A palavra “consumismo”, de acordo com o Dicionário Aurélio vem de “consumir”, no latim, *consumere*, que significa usar, comer, estragar (DICIONÁRIO AURÉLIO). E de fato, este estrago é bem grande. Com base no relatório da organização WWF, nós

consumimos 30% acima da capacidade regenerativa do planeta. Se a situação não mudar, em 2030 serão necessárias duas Terras para suprir tal demanda (Borges, 2010, p. 68). Um relatório, o Estado do Mundo 2010, do *World Watch Institute* (WWI) coloca que hoje extraímos anualmente 60 bilhões de toneladas de recursos naturais. Isto representa 50% a mais do que extraíamos 30 anos atrás². Obviamente que o aumento gradativo da população de 30 anos atrás para hoje contribui muito para estes números.

Se limitarmos estes dados apenas ao Brasil, ainda assim teríamos números alarmantes. De acordo com dados do IBGE, em 1950 a população brasileira era de aproximadamente 52 milhões de habitantes. Visto que os fluxos migratórios ocorreram com mais intensidade até meados do século passado, tivemos uma explosão demográfica muito grande. Em novembro de 2010, o país apontava um total de 190.732.694 pessoas, ou seja, em pouco mais de 60 anos tivemos um aumento de aproximadamente 140 milhões de pessoas³.

Podemos perceber que existe claramente um desequilíbrio no ambiente em que vivemos. Pessoas estão mais preocupadas em consumir e pouco atentas para os recursos do consumo. Panarotto (2008) argumenta que nós causamos um impacto ambiental significativo, e este impacto é consequência da demanda excessiva por alimentos, moradia, energia, produção industrial e transporte. Desta forma, temos um problema que parece lógico: devido ao grande aumento populacional, as pessoas consomem mais e os recursos naturais estão ficando cada vez mais escassos. Em relação a este aumento populacional, Panarotto (2008) acrescenta que:

O consumismo exagerado, somado ao aumento populacional no globo terrestre, faz com que existam cada vez mais grandes indústrias. Estas, por sua vez, consomem grande quantidade de energia elétrica e matérias prima, gerando grandes quantidades de lixo, causando enormes impactos ambientais. Além disto, ocorre um esgotamento de recursos não-renováveis, aqueles que uma vez consumidos não podem ser repostos, como o petróleo e os minérios (PANAROTTO, 2008).

No final do século XVIII, Thomas Robert Malthus desenvolveu uma teoria que mais tarde ficou conhecida como “Teoria malthusiana”. Segundo ele, a população mundial cresceria em um ritmo rápido, comparado por ele a uma progressão geométrica (1, 2, 4, 8, 16, 32, 64...), e a produção de alimentos cresceria em um ritmo lento, comparado a uma progressão aritmética (1, 2, 3, 4, 5, 6...)⁴. Desta forma, em determinado momento haveria uma escassez de alimentos tão grande que a humanidade entraria em uma situação catastrófica.

² Disponível em: <<http://recicloteca.org.br/blog/index.php/2010/03/15/consumo-e-meio-ambiente/>>. Acesso em: 15 outubro 2012.

³ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>> Acesso em: 15 outubro 2012.

⁴ Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/geografia/teorias-demograficas-malthusianos-neomalthusianos-e-reformistas.jhtm>> acesso em: 18 outubro 2012.

Em relação à teoria malthusiana, Panarotto (2008) acrescenta que:

Isso não acontece porque existem alguns bloqueios que regulam o crescimento populacional: os positivos como a pobreza, a subalimentação, doenças e os preventivos, como o controle de natalidade, métodos anticoncepcionais, etc. Entretanto, esses bloqueios vêm sendo atenuados por avanços científicos, tecnológicos e medicinais, por uma série de medidas de caráter social, entre outros fatores (PANAROTTO, 2008).

Tendo em vista que a população mundial cresceu consideravelmente desde Malthus, os números nos revelam que os problemas ambientais e a escassez de recursos naturais se devem, em parte, ao consumismo exagerado de uma pequena parcela da população, revelando assim, que a desigualdade social tem contribuído muito para tal situação.

O CONSUMISMO E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Muito se fala hoje sobre as questões relacionadas com a preservação do meio ambiente em vista de uma sociedade extremamente consumista. A partir de então, temos escutado inúmeras vezes a definição de Desenvolvimento Sustentável como solução para o problema do desenvolvimento acelerado da economia e preservação do meio ambiente. A organização WWF⁵ definiu Desenvolvimento Sustentável como sendo o “desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro” (WWF, 2012)⁶.

Alguns dados divulgados pela ONU revelam que se todos os habitantes do planeta passassem a consumir como os americanos, nós precisaríamos de 2,5 planetas como o nosso. Isso demonstra que estamos consumindo muito mais os recursos naturais do que a natureza consegue repor⁷. Logo, percebemos que o consumismo que predomina a mente de grande parte da população mundial está diretamente relacionado com os inúmeros problemas ambientais que estamos enfrentando. Visando uma maior conscientização por parte da população para as questões ambientais, o Governo Federal produziu um Manual de Educação para o Consumo Sustentável, reafirmando a importância de se adotar uma postura mais consciente para as questões ambientais do nosso planeta. Em nota, grande parte dos problemas enfrentados se deve ao fato de que:

⁵ Criada em 1961, nas últimas décadas, a Rede WWF (antes conhecido como Fundo Mundial para a Natureza) se consolidou como uma das mais respeitadas redes independentes de conservação da natureza.

⁶ Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/> acesso em: 19 outubro 2012.

⁷ Disponível em: <<http://www.infoescola.com/geografia/desenvolvimento-sustentavel/>> acesso em: 19 outubro 2012.

O aumento no consumo de energia, água, minerais e elementos da biodiversidade vem causando sérios problemas ambientais, como a poluição da água e do ar, a contaminação e o desgaste do solo, o desaparecimento de espécies animais e vegetais e as mudanças climáticas. [...] No entanto, esta abundância passou a receber uma conotação negativa, sendo objeto de críticas que consideram o **consumismo** um dos principais problemas das sociedades industriais modernas. (CONSUMO SUSTENTÁVEL, 2005, p. 15. Grifo nosso).

O manual ainda acrescenta que:

A partir da percepção de que os atuais padrões de consumo estão nas raízes da crise ambiental, a crítica ao consumismo passou a ser vista como uma contribuição para a construção de uma sociedade mais sustentável. Mas como o consumo faz parte do relacionamento entre as pessoas e promove a sua integração nos grupos sociais, a mudança nos seus padrões torna-se muito difícil. Por isso, este tema vem fazendo parte de programas de educação ambiental. (CONSUMO SUSTENTÁVEL, 2005, p. 15).

Desta forma, percebemos que a responsabilidade social para com as questões ambientais é de todos, envolvendo questões éticas, visões sobre a natureza e comportamentos relacionados a atividade do consumo. Baptista diz que um dos problemas que a sociedade mais enfrenta hoje em relação ao consumismo é que “o ser humano está substituindo seus sentimentos e emoções, ou seja, bens imateriais, por bens materiais, sempre procurando suprir com objetos físicos desejos e sentimentos jamais satisfeitos” (BAPTISTA, 2010, p. 14).

O papel do cristão na sociedade do consumo

Quando se fala em responsabilidade social para questões práticas da vida, a tendência é que as pessoas coloquem os “cristãos” em um degrau acima das pessoas “não cristãs”. De certa forma, espera-se de nós que sigamos um modelo de vida que corresponda à mensagem que pregamos. Especialmente no que se refere ao estilo de vida simples, longe do apego aos bens materiais, espera-se encontrar um modelo de organização que destaque a conduta cristã ideal.

Podemos perceber que questões relativas à religião e ao consumo têm sido pouco exploradas no contexto religioso. Escrevendo sobre isto, Rodrigues (2010), menciona que:

Na maioria das vezes, seguindo a perspectiva da religiosidade prática, são citados apenas os importantes conselhos bíblicos quanto ao uso do dinheiro. [...] Talvez, a concepção “departamentalizada” do conhecimento moderno, que busca dividir estritamente as áreas do saber, tenha abarcado também a compreensão da vida prática, permitindo que as pessoas de maneira geral considerem que economia e religião pertencem a domínios completamente diferentes. (RODRIGUES, 2010, p. 34).

Tendo em vista o estilo de vida da maioria das pessoas hoje, fica claro que existe uma dissociação entre consumo e religião na mente de cada uma delas. Para entendermos melhor como isso funciona, precisamos intercalar “religião” e “desejo”. Quando compreendemos esta relação, percebemos que muitos outros pensadores já haviam mencionado que a religião não passa de uma projeção dos desejos humanos. No entanto, encontramos respaldo na declaração de Lewis (2005), quando diz que as criaturas não nascem com desejos que não podem ser satisfeitos. Um bebê sente fome: bem, existe o alimento. Um patinho gosta de nadar: existe a água. O homem sente o desejo sexual: existe o sexo. Se descobro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para um outro mundo. (LEWIS, 2005, p. 50).

Uma das frases que melhor descrevem este sentimento existente nas pessoas, é que “o consumismo explora o maior mistério da natureza humana – o desejo pelo infinito – para validar uma corrida desenfreada por serviços e produtos finitos” (RODRIGUES, 2010, p. 32). A constante luta para saciar os desejos da vida encontra lugar nos gastos desenfreados e no apego demasiado ao dinheiro. Desta forma, o consumismo exagerado que é tão prejudicial ao meio ambiente não encontra proteção nem mesmo naqueles cuja responsabilidade foi dada para cuidar e preservar da criação de Deus (Gn 2:15).

White (2007) descreve que muitos vivem uma vida como se não soubessem das suas responsabilidades morais e sociais. Ela diz que muitos negam a Cristo por seu apego incondicional as riquezas. Ainda em relação a isto, ela afirma que:

Seu culto ao dinheiro, casas e terras assinala-os como idólatras e apóstatas. Todo egoísmo é cobiça, sendo, portanto, idolatria. [...] Pode ser que não se curvem literalmente diante de seus tesouros terrestres, não obstante este é o seu deus. São adoradores de Mamom. Prestam às coisas deste mundo a homenagem que pertence ao Criador. Aquele que vê e sabe todas as coisas registra a falsidade de sua profissão. (WHITE, 2007, p. 223).

A busca por preencher os vazios do “eu” têm se refletido na supervalorização das coisas, quando na verdade, tudo isso se resume a questões meramente espirituais. Lima explica que “todas as pessoas anseiam por algo melhor. Todas as ações, empreendimentos, projetos, sonhos e decisões são, no fundo, um reflexo da busca pela felicidade” (LIMA, 2010, p. 126). Se nós, como cristãos, não pensarmos desta forma, nossa mentalidade facilmente se assimilará a mentalidade da sociedade extremamente consumista em que vivemos, onde a principal filosofia se resume em consumir, consumir e consumir.

Foster definiu que a chave para o crescimento espiritual consiste na aplicação de algumas disciplinas espirituais classificadas como interiores e exteriores. Dentre as disciplinas exteriores, encontra-se a *simplicidade*, que o autor define que é uma realidade interna, porém com consequências externas que são refletidas no estilo de vida. Desta forma, ele classifica o consumismo como sendo uma “psicose moderna que define o ser humano pelo que consegue produzir ou por aquilo que consegue ganhar” (FOSTER,

2007, p. 124).

Sendo assim, percebemos que somente em Cristo podemos nos sentir plenamente realizados nesta Terra. Sl 37:4 estabelece: “deleita-te no SENHOR, e ele te concederá os desejos do teu coração”. Lima complementa dizendo que não há outra alternativa para o cristão. Caso contrário, “todos nos tornaremos marionetes nas mãos de um sistema falido” (LIMA, 2010, p. 127). Nosso mundo alimenta a ideia de que a busca plena pela felicidade consiste no consumir, e pouco têm se preocupado com as consequências desta filosofia. No entanto, podemos citar as orientações bíblicas acerca da busca desenfreada pelo “ter” e suas terríveis consequências: Pv 21:20; 30: 7-8; Ec 6:2, 7, 9,12; Is 55:2; Mt 6:19-21; 16:26.

Em uma declaração oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia⁸, foi afirmado que:

Estes problemas são em grande parte devidos ao egoísmo e à ganância humanos que resultam no aumento da produtividade, no consumo ilimitado e no esgotamento de recursos não renováveis. Fala-se em solidariedade para as gerações futuras, mas dá-se prioridade a interesses imediatos. A crise ecológica origina-se na ganância da raça humana e na recusa de praticar a boa e fiel mordomia. “Os adventistas defendem um estilo de vida simples e saudável, onde as pessoas não participam do consumismo desenfreado, do acúmulo de bens e do desperdício”. (DECLARAÇÕES DA IGREJA, 2005, p. 37).

A posição defendida pela Igreja Adventista sugere que o papel do cristão, de acordo com o modelo bíblico, é o de preservar a natureza, bem como seus recursos naturais, para que haja sustentabilidade no nosso planeta. Para isto, é necessário o desapego aos bens materiais, que estão em evidência na sociedade do consumo, e passar a viver de forma simples, modesta e consciente em relação as nossas responsabilidades para com os recursos naturais.

A ALIMENTAÇÃO E O MEIO AMBIENTE

Muito se fala sobre o regime vegetariano como estilo de vida para manter uma melhor saúde. O que poucas pessoas dizem é que o fator alimentício muito tem que ver com as questões ambientais do nosso planeta. O pensamento é muito simples: Nós comemos aquilo que produzimos. O fato é que muita coisa está relacionada, desde a comida que comemos até todo o processo que ela segue até chegar ao nosso prato. Isto fica bastante evidenciado ao observar parte da floresta amazônica que hoje funciona como pasto para criação industrial de bois, vacas e porcos cada vez mais necessários para satisfação do apetite das pessoas. (LEMOS, 2012).

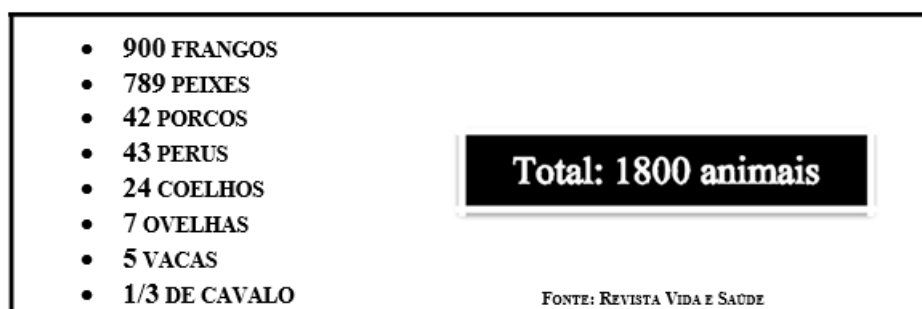
⁸ Esta declaração foi aprovada e votada pela Comissão Administrativa da Associação Geral para divulgação pelo gabinete do então presidente Robert S. Folkenberg, durante o Concílio Anual realizado em São José, Costa Rica, de 1º a 10 de outubro de 1996.

Em relação à saúde, está muito claro na mente da maioria das pessoas o prejuízo que se assume ao ingerir determinados alimentos cárneos. Estas assumem os riscos necessários para satisfação dos seus próprios desejos. Agora, no que se refere aos maus tratos sofridos por parte destes animais, é difícil encontrar alguém que pare para refletir em todo este processo. Lemos classifica esse fenômeno como “ética do Especismo, uma filosofia que, entre outras coisas, garante à espécie mais forte, ascendência inclusive para a vida e para a morte sobre a espécie mais fraca” (LEMOS, 2012, p. 3). Ela termina seu raciocínio afirmando que “não é coincidência que nossa sociedade seja tão violenta e sem amor para com os mais fracos entre nós” (LEMOS, 2012, p. 3).

O Impacto da carne sobre as pessoas e o meio ambiente

A carne deixou de ser um produto de luxo e passou a ser alimento indispensável no cardápio da maior parte das pessoas. Isto implica que o consumo excessivo de carne sobre o meio ambiente é maior do que o impacto ambiental causado pela poluição gerada pela frota de automóveis.

Segundo o relatório da ONU para agricultura, 18% da emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa vem da pecuária, a indústria da carne. Ou seja, 5% a mais do que a emissão de gases por parte dos veículos. (LEMOS, 2012). Ao que parece, os países mais ricos tendem a consumir cada vez mais carne. Nestes países, calcula-se que em média uma pessoa consome 85 kg de carne por ano. Isto requer uma produção altíssima e em grande escala, para suprir toda a demanda de carne necessária para satisfação de uma pessoa. De acordo com Lemos (2012, p. 7), durante toda a vida, um europeu come em média:



O Brasil é um dos maiores exportadores de ração para animais europeus e um dos maiores exportadores de carne do mundo, viva ou morta. Ou seja, quanto maior o pedido, maior a demanda na produção destes animais. Dizemos “produção” justamente porque é isto que ocorre hoje com a carne que consumimos. Estes animais estão sendo produzidos

com grande quantidade de hormônios, manipulações genéticas, vacinas e antibióticos. Podemos ainda afirmar que os animais do nosso cardápio perderam a sua infância. Sabemos que existem sistemas de controle sanitário e segurança na produção das carnes, no entanto, fica claro que o consumo destes alimentos, com o tempo, pode trazer sérios riscos à nossa saúde.

Ao mencionarmos esta grande produção de carne para exportação e consumo, devemos lembrar que os custos ambientais para manutenção destes alimentos também são muito altos. Oliveira menciona que:

Os custos gerados pela criação de animais confinados de modo intensivo, principalmente suínos e aves, ou do modo pastoril, como o gado no pasto, incluem também, desde as toneladas de grãos como soja, milho e trigo destinados à sua alimentação, assim como os custos de devastação ambiental provenientes dos despejos no meio ambiente de medicamentos, bactericidas, vacinas, hormônios e outros fármacos através das urinas e fezes que inevitavelmente atingem os lençóis freáticos contaminando a água, e também a devastação das florestas e a perda da diversidade biológica, destruição do solo e poluição do ar principalmente com o metano (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

Ademais, podemos observar que com o constante crescimento da criação de animais para o consumo, conseqüentemente se necessitou de um aumento na produção de grãos destinados para alimentação destes animais. A sua maioria está composta de grãos, tais como milho, trigo e soja, basicamente. Para que se tenha um resultado mais rápido do que o processo de engorda natural, cada vez mais cereais também são utilizados na alimentação destes animais. Lemos diz que “é possível alimentar 40 pessoas com os cereais normalmente usados para gerar 225 g de carne bovina” (LEMONS, 2012, p. 10). Ou seja, para que o consumidor tenha acesso a apenas um quilo de carne, toda a natureza paga por isso.

Alguns recursos naturais sofrem maior consequência com o aumento do consumo e exportação da carne para alimento. É o caso da água, por exemplo. Ela é o recurso natural mais escasso no momento. Justamente pela alta produção e criação de animais utilizados para o consumo.

De acordo com Oliveira (2009), a carcinicultura (criação de camarões em cativeiro), é a atividade de criação mais consumidora de água. Estima-se que sejam gastos cerca de 50 a 60 mil litros de água para produção de 1 quilo de camarão. “Segundo o relatório da Unesco para o fórum mundial da água, realizado em 2004, levando em consideração todo um ciclo de produção da carne, são necessários mais de 15 mil litros de água para produzir apenas 1 quilo de carne bovina” (OLIVEIRA, 2009, p. 7). Não há dúvida de que o principal uso da água hoje se deve a produção de alimentos.

Tendo em vista o aumento da população mundial nos últimos 50 anos e conseqüentemente o consumo de alimentos de origem animal, Christófidis, afirma que “nos países industrializados, o consumo per capita diário de alimentos de origem animal

elevou-se de 104 gramas (ano 1990) para 320 gramas (ano 2000), exigindo cerca de 1.430 litros de água por dia para uma pessoa manter uma dieta alimentar saudável” (2003, p. 376). Portanto, a preservação dos recursos do nosso meio ambiente está diretamente envolvidas com a produção do nosso alimento, tanto de origem animal quanto vegetal.

O cristão e a alimentação saudável

O estilo de vida cristão contribui diretamente para as questões relativas a preservação do meio ambiente. Comprovamos isto ao observar o fato de a igreja possuir instrumentos de conscientização e incentivos para membresia no que se refere a um viver mais saudável. Tendo em vista os aspectos religiosos de que o corpo é o templo do Espírito Santo (I Co 6:19), a igreja sempre incentivou o cuidado com a saúde e as relações espirituais que estão envolvidas neste aspecto. Desta forma, percebemos que o vegetarianismo se relaciona não apenas com um estilo de vida saudável, mas também com os fatores sociais relacionados com o alto consumo de alimentos cárneos e conseqüentemente, sua alta produção, que é extremamente prejudicial ao meio ambiente.

Devemos lembrar que o consumo da carne também envolve questões éticas, principalmente no que diz respeito aos maus tratos oferecidos aos animais. White descreve que:

Muitas vezes são levados ao mercado e vendidos para alimento animais que se acham tão doentes, que os donos receiam conservá-los por mais tempo. [...] Os animais são muitas vezes transportados a longas distâncias e sujeitos a grandes sofrimentos para chegar ao mercado. Tirados dos verdes pastos e viajando por fatigantes quilômetros sobre cálidos e poentos caminhos, ou aglomerados em carros sujos, febris e exaustos, muitas vezes privados por muitas horas de alimento e água, as pobres criaturas são guiadas para a morte a fim de que seres humanos se banqueteiem com seu cadáver (WHITE, 2007, p. 314).

Isto nunca foi plano de Deus. O plano inicial no Éden incluía ao homem viver sob uma dieta puramente vegetariana (Gn 1:29), e acima de tudo, cuidar da criação de Deus, tendo domínio sobre os animais e preservando a natureza (Gn 1:26, 2:15).

Como já observamos, o aumento do consumo da carne nos nossos dias tem aumentado consideravelmente, e com isso, os recursos naturais vão se extinguindo, visto que gasta-se muito mais dos recursos naturais tais como a água, cereais e outros produtos para a produção da carne do que propriamente para produção de alimentos “saudáveis”.

O cristão consciente carrega bons motivos espirituais para adotar o regime vegetariano, e, não obstante, excelentes motivos sociais como incentivo a este estilo de vida. Obviamente que este fundamento não se restringe apenas aos cristãos, visto que existe uma grande quantidade de pessoas não cristãs, que adotam uma postura mais

“ecológica” no que se refere à alimentação saudável.

Ainda assim, Xavier (2011) corrobora esta questão atribuindo aos cristãos uma responsabilidade maior, dizendo que o estilo de vida saudável deve envolver bons hábitos alimentares rejeitando alimentos que possam prejudicar o nosso organismo. Este princípio deve ser o mesmo que justifique o cuidado com o meio ambiente, sendo de nossa responsabilidade social e cristã empenhar-nos na conscientização de nossa comunidade para amenizar os desgastes excessivos dos recursos naturais de que tanto necessitamos.

E importante ressaltar que o cristianismo através da alimentação saudável, além de prevenir a saúde, favorece as percepções espirituais para um melhor relacionamento com Deus, e desta forma, estamos também nos prevenindo contra as armadilhas de Satanás. White descreve a falta de cuidado que as pessoas têm tido com a alimentação e adverte acerca dos perigos de se proceder desta maneira dizendo que:

Por meio do pervertido apetite seus órgãos e faculdades têm-se tornado debilitados, enfermos e inutilizados. E esses resultados que Satanás tem acarretado por suas próprias sedutoras tentações, ele usa para escarnecer de Deus. [...] Nosso corpo é adquirida propriedade de Cristo, e não devemos sentir-nos em liberdade de fazer com ele o que nos apraz (WHITE, 2002, p. 18).

Desonramos a Deus quando estamos com o nosso corpo totalmente debilitado devido à má alimentação que estamos ingerindo. White diz que “Homens e mulheres tornaram-se servos do apetite” (WHITE, 1985, p. 417), e portanto, escravos do mesmo. Desta forma, podemos perceber que adotar um estilo de vida saudável no que diz respeito à alimentação deixa o campo das questões físicas apenas, e passa a se relacionar com questões de âmbito espiritual.

NOSSA MAIOR RESPONSABILIDADE

A responsabilidade de cuidar e preservar da natureza recaiu sobre a humanidade logo após o término da criação (Gn 2:15). Esta questão se tornou tão importante, que podemos encontrar em toda a bíblia alusões à necessidade da preservação do meio ambiente. Deus, como criador, confiou ao homem os cuidados da sua criação. Xavier descreve que o “relacionamento íntimo entre o Criador, o homem e a natureza exigem do cristão o envolvimento com o cuidado do planeta” (XAVIER, 2011, p. 17). É, portanto, mais do que simplesmente cuidar, está relacionado com intimidade com Deus.

O que temos visto hoje são muitos cristãos que acreditam não ser necessário tipo algum de preocupação com as questões ambientais, visto que Jesus está perto de voltar e esta Terra será renovada para sempre. Porém, o que a maioria se esquece, é justamente da responsabilidade confiada por Cristo a cada um de nós. Apocalipse 11:18b diz que “Chegou o tempo de destruir aqueles que destroem a Terra”. Neste contexto, os que

destroem a Terra são os próprios seres humanos, que de forma incoerente, deveriam ser os responsáveis por preservá-la e não de destruí-la.

Xavier (2011), descreve a responsabilidade de todo cristão quando declara que:

O cuidado com o meio ambiente é, portanto, uma exigência divina e responsabilidade de todo cristão. Encontramos, no material bíblico diversas passagens que apontam para essa responsabilidade. Em Êxodo 19:5b, Yahweh afirma que a Terra é Sua. Em Salmos 24:1, o salmista comprova: “Do Senhor é a Terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem”. A responsabilidade do ser humano, em especial do conhecedor da vontade de Yahweh, é destacada em Provérbios 12:10: “O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos perversos é cruel” (XAVIER, 2011, p. 20)

Cuidar da Terra e preservá-la é uma forma de honrar a Deus. Tendo em vista que o ambientalismo cristão é uma exigência divina, nós comprovamos nosso amor para com o nosso Criador, obedecendo-O e praticando a sua vontade. Quando não o fazemos, estamos automaticamente rejeitando o amor do Pai (Jo 14:24), pois quem ama a Deus, obedece e pratica a sua vontade (Jo 14:15).

Em uma declaração oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o cuidado com a criação assume um papel muito importante. Em nota, é descrito que:

Os adventistas valorizam o relacionamento respeitoso e cooperativo entre as pessoas, reconhecendo nossa origem comum e compreendendo a dignidade humana como uma dádiva do Criador. Uma vez que a miséria humana e a degradação do meio ambiente estão inter-relacionadas, nós nos empenhamos por melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas. Nosso objetivo é o desenvolvimento sustentável dos recursos, atendendo concomitantemente às necessidades humanas. (DECLARAÇÕES DA IGREJA, 2005, p. 16).

O documento ainda afirma que a igreja crê plenamente que a espécie humana foi criada a imagem de Deus, tornando-se mordomos representativos de dEle, para dominar o ambiente natural de maneira fiel e com responsabilidade.

CONCLUSÃO

Temos observado de forma clara os grandes problemas ambientais que o nosso planeta tem enfrentado, principalmente devido ao mau uso dos seus recursos naturais. Grande parte destes problemas está sendo gerado ao longo dos anos, na maior parte das vezes devido ao aumento populacional e, conseqüentemente, o aumento da produção de bens para consumo feitos em grande escala. De fato, a Terra está clamando por socorro diante de uma nação que pouco se importa com as gerações futuras e a preservação do meio ambiente.

A filosofia do consumismo a despeito dos problemas gerados por tal demanda compromete o futuro do nosso planeta, e, desse modo, nosso papel como cristãos

consiste em assumir a responsabilidade que nos foi confiada por Cristo de cuidar e preservar da Terra. Portanto, devemos adotar um estilo de vida simples, que valorize os princípios de uma vida saudável, principalmente levando em conta os fatores ambientais que são atingidos quando não agimos de forma coerente para com o meio ambiente. Acima de tudo, somos cidadãos cristãos em busca de uma conscientização social que envolve não somente mudanças de hábitos, mas também, obediência plena a vontade do Criador.

REFERÊNCIAS

BAHIA, ANÁLISE & DADOS. Água, ética, segurança alimentar e sustentabilidade ambiental. 2003. Salvador, v. 13, n. especial, p. 371-382, 2003.

BAPTISTA, Vinícius Ferreira. A relação entre o consumo e a escassez dos recursos naturais: uma abordagem histórica. **Saúde e Ambiente**. Duque de Caxias, RJ, v.5, n.1, p. 8-14, Jan-Jun 2010.

BORGES, Michelson. Consumidos: a lógica do consumo nos meios de comunicação em massa. In: Allan Novaes e Martin Kuhn (Orgs.). **O universitário cristão na sociedade de consumo**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, SP. 2010.

CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005. p. 15

FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**: o caminho para o crescimento espiritual. Marson Guedes (Trad.). 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

IGREJA Adventista do Sétimo Dia. Declarações da Igreja. Trad. De Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

LEMOS, Ágatha. Prato inconveniente. **Vida e Saúde**. Casa Publicadora Brasileira, SP, ano 74, n. 9, p. 6-14, setembro 2012.

LEMOS, Francisco. Carne inconveniente. **Vida e Saúde**. Casa Publicadora Brasileira, SP, ano 74, n. 9, p. 3, setembro 2012.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Trad. Álvaro Oppermann, Marcelo Brandão Cipolia. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

LIMA, Valdecir. Cultura do supérfluo e a lógica da renovação desnecessária. In: NOVAES, Allan; KUHN, Martin (Orgs.). **O universitário cristão na sociedade de consumo**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, SP. 2010.

OLIVEIRA, Wesley Felipe de. Ética, alimentação e meio ambiente.
Disponível em:

<<http://www.fakeclimate.com/arquivos/.../eprs-2009-005.pdf>> Acesso em 23 outubro 2012.

PANAROTTO, Cíntia. **O meio ambiente e o consumo sustentável**: alguns hábitos que podem fazer a diferença. Revista das relações de consumo. Caxias do Sul, RS. 2008. Disponível em:

<http://www.caxias.rs.gov.br/procon/site/_uploads/publicacoes/publicacao_5.pdf>
acesso em 17 de outubro de 2012.

RODRIGUES, Adriani. E Deus colocou a eternidade no coração do homem: consumismo, desejo e religião. In: NOVAES, Allan; KUHN, Martin (Orgs.). **O universitário cristão na sociedade de consumo**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, SP, 2010.

WHITE, Ellen Gould. **Conselhos sobre regime alimentar**. Tradução de Isolina A Waldvogel. 12.ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

WHITE, Ellen Gould. **Mensagens escolhidas**. Tradução de Isolina A Waldvogel, Luiz Waldvogel. 2.ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

WHITE, Ellen. **A ciência do bom viver**. Casa Publicadora Brasileira: SP, 2007.

XAVIER, Érico Tadeu. Meio ambiente e ecologia: uma reflexão bíblica sobre a responsabilidade cristã. **Hermenêutica**. CEPLIB, BA, 2011.